



C A P Í T U L O 6

VIVÊNCIAS DE MÃES SOLO DE FILHOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Lívia Silva Costa

Graduada em Psicologia (UNINTA), Especialista em Análise do Comportamento (FACULESTE). Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário INTA - UNINTA campus Itapipoca/CE. Atua como psicóloga clínica, e atualmente realiza pesquisas na área de Psicologia, com ênfase nos seguintes temas: Psicoterapia Breve, Transtorno do Espectro Autista (TEA), Políticas Públicas e Maternidade. Centro Universitário Inta - Uninta, Sobral – Ceará
<https://lattes.cnpq.br/7441100714711543>
<https://orcid.org/0009-0009-7436-3852>
Centro Universitário Inta – Uninta, Sobral-CE, Brasil

Marcelo Franco e Souza

Graduado em Ciências Sociais (Unifor), Psicologia (Estácio), Mestre em Humanidades (Unilab) e em Políticas Públicas (UECE). Doutorando em Engenharia de Software (Cesar School). Especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental e em Neuropsicologia (Unichristus). Diretor de Operações da Specialisterne Brasil e Pesquisador no Centro de Pesquisas Dell. Cesar School, Recife, PE, Brasil
<https://lattes.cnpq.br/5715113585283857>
<https://orcid.org/0009-0008-8022-6873>
Cesar School, Recife-PE, Brasil

Leidiane Carvalho de Aguiar

Graduada em Psicologia (UNINTA), Mestre em Saúde da Família (UFC). Especialista em Terapia Analítico Comportamental (UNINTA). Docente do curso de Psicologia. Coordenadora do Núcleo de Apoio Psicológico ao Estudante do UNINTA (NAPSI). Centro Universitário Inta -UNINTA, Sobral, CE, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/0451216237792162>
<https://orcid.org/0000-0002-4841-9244>
Universidade Federal do Ceará- UFC, Sobral-CE, Brasil

Silvia de Sousa Azevedo

Pedagoga, Psicopedagoga, graduanda em Psicologia (UNINTA). Doutora (UTAD PT) e Mestre (USC-PY) em Ciências da Educação. Assessora Pedagógica da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação – PRODEG (UNINTA), Coordenadora do Serviço de Acompanhamento ao Discente e Docente (SEAD) e do Departamento de Aconselhamento ao Estudante (DAE) do UNINTA Centro Universitário Inta - Uninta, Sobral – Ceará
<https://lattes.cnpq.br/7011730962383587>
<https://orcid.org/0009-0006-8612-0477>
Centro Universitário Inta - Uninta, Sobral-CE, Brasil

Girlene Oliveira Nunes

Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Inta- Uninta (2023). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Evangélica do Piauí-FAEPI, Graduada em Bacharelado em Teologia pela Faculdade Evangélica do Piauí- FAEPI (2008). Centro Universitário Inta - Uninta, Sobral – Ceará
<https://lattes.cnpq.br/4775188483614701>
<https://orcid.org/0009-0008-8712-6664>
Centro Universitário Inta - Uninta, Sobral-CE, Brasil

RESUMO: Esta pesquisa examina as vivências de mães solo de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), com foco no bem-estar mental, emocional e condições financeiras. Objetivou-se identificar os obstáculos enfrentados, compreender percepções pós-diagnóstico, levantar relatos espontâneos em ambientes digitais (netnografia de dados arquivados) e mapear estratégias de enfrentamento. Conduziram-se: (1) netnografia de postagens públicas em redes sociais, sem interação direta, e (2) análise de conteúdo (Bardin). As postagens analisadas em Facebook, WhatsApp e Twitter/X evidenciaram três eixos de dificuldades: solidão/ausência de rede de apoio, sobrecarga emocional e desafios financeiros (incluindo o acesso ao BPC). Os achados indicam vulnerabilidade econômica, isolamento materno e sofrimento psicológico, ressaltando a necessidade de apoio psicossocial e políticas públicas sensíveis à realidade dessas famílias.

PALAVRAS-CHAVE: Maternidade; Mãe solo; Autismo.

EXPERIENCES OF SINGLE MOTHERS OF CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDE

ABSTRACT: This study investigates the lived experiences of single mothers of children with Autism Spectrum Disorder (ASD), focusing on their mental, emotional, and financial well-being. We aimed to identify the challenges they face, explore post-diagnosis perceptions, collect netnographic evidence from spontaneous online accounts, and map coping strategies. Two methods were employed: (1) netnography of archived posts from social networks without direct interaction, and (2) Bardin's content analysis. Posts retrieved from Facebook, WhatsApp, and Twitter/X converged on three domains of difficulty: Loneliness/lack of support networks, emotional overload, and financial hardship (including barriers to BPC, Brazil's Continued Benefit). Findings point to economic vulnerability, maternal isolation, and psychological distress, highlighting the need for psychosocial support and public policies responsive to these families' circumstances.

KEYWORDS: Motherhood; Single mother; Autism.

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um Transtorno do Neurodesenvolvimento, de etiologia múltipla, que compromete o processo do desenvolvimento infantil e carece de uma rede de apoio, e isto inclui primordialmente a família. Logo, na descoberta de uma patologia ou alterações em uma criança, traz aos pais uma responsabilidade redobrada, e essas mudanças, frequentemente, vêm afetando mais na vida dessas mães, pois elas tomam partido aos cuidados sobre seus filhos desde o seu nascimento.

Ao discorrer sobre maternidade, é importante vislumbrarmos a discussão do que é ser mãe solo ou mãe solteira. De acordo com Fernandes (2022), atualmente, notam-se preconceitos em relação a mães solo, com frequência denominadas por muitos como mães solteiras, como se a maternidade fosse ou estivesse relacionada ao seu estado civil. Tal termo, mãe solteira, remete a um resquício do machismo e da sociedade patriarcal presente no século XX (Borges, 2020).

Segundo Fernandes (2022), o termo mãe solo é uma forma de modificar-se essa estigmatização do preconceito que carrega o falar 'mãe solteira'. Contudo, ambos os termos carregam consigo uma desvalorização da mulher no que tange o mercado de trabalho. Muitas dessas mães não recebem o apoio financeiro no lar, na educação e no emocional, seja por parte dos genitores quanto por parte da sociedade.

Percebe-se, então, que há uma grande sobrecarga na vida dessas mães, pois a maternidade em si já é desafiadora na vida dessas mulheres, na qual elas lidam com mudanças de humor, de corpo, e psicológico. No sentido de que a sobrecarga se amplia significativamente na chegada de um filho com Transtorno do Espectro do Autista, a demanda na infância é bastante complexa, havendo inseguranças de como fornecer devido auxílio para aquela criança com TEA e de como partilhar dessa vivência de modo que todos da família possam compreender que aquela criança tem certas limitações.

Diante do exposto, surgem alguns questionamentos, sendo estes: a) Quais obstáculos são enfrentados por essas mães solo com filhos autistas? b) Quais meios de apoio emocional, psicológico e financeiro que essas mães recebem? Com isso o objetivo do trabalho é investigar os obstáculos enfrentados por mães solo com filhos autistas.

2. METODOLOGIA

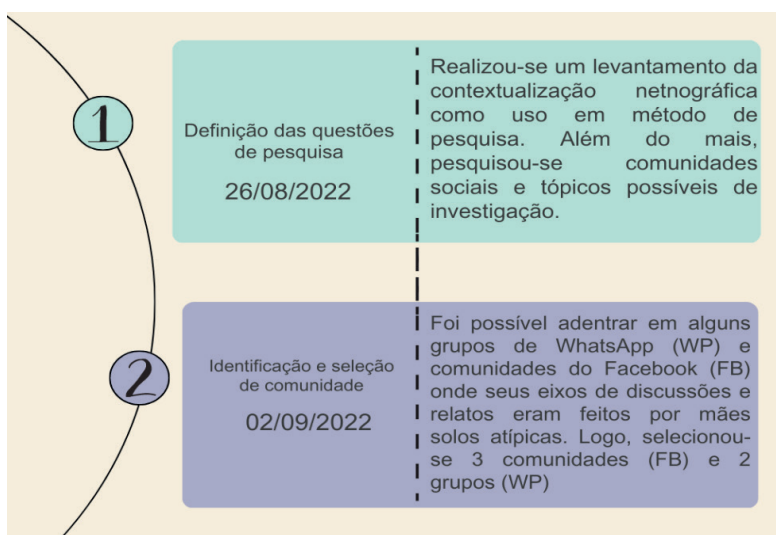
Na primeira etapa, foi realizada a revisão e atualização bibliográfica referente aos conceitos que norteiam a pesquisa. Ressalta-se que a revisão bibliográfica foi realizada por meio de plataformas como: BVS (Biblioteca virtual em saúde); Google

acadêmico; Scielo, e livros impressos. Havendo como descritores: Maternidade, mãe solteira, autismo. Logo, realizou-se o levantamento bibliográfico entre leituras dos anos de 2000-2023, entretanto, vale ressaltar, que foi possível utilizar-se de artigos e autores antigos na iminência de contextualizar o que se pensava em décadas atrás quanto à temática.

Autores como Bruno Bettelheim e Leo Kanner foram citados por meio de abranger os conhecimentos ao que se debatia o autismo e a mãe geladeira, tópicos estes, de suma importância para a contextualização da maternidade atípica. O termo “maternidade atípica” surgiu como uma forma de utilização para aquelas mulheres que têm filhos com alguma deficiência ou síndrome rara. Logo, “mãe atípica”, discorre um pouco sobre além da maternidade que já é conhecida, assim, expondo uma maternidade mais sobrecarregada, pois, tem a preocupação aos cuidados especiais, até então também chamadas, “crianças atípicas”.

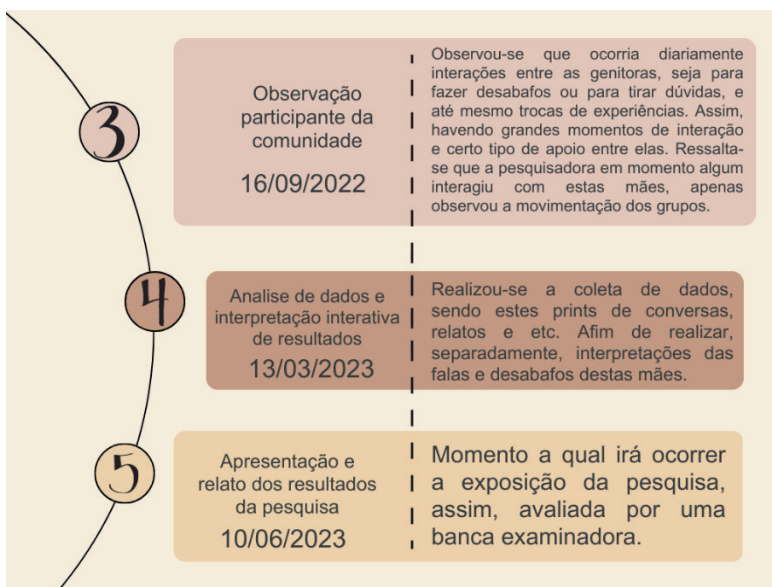
Após esta primeira etapa, realizou-se uma pesquisa netnográfica, cujo método se baseia na observação e no trabalho de campo on-line, e com isso, utiliza-se as diferentes formas de comunicação que é medida por computador e smartphone como fonte de dados para a compreensão e a representação etnográfica dos fenômenos culturais e comunitários (Corrêa; Rozados, 2017).

Figura 1 – Fluxograma da pesquisa (parte 1)



Fonte: Autoria própria (2023).

Figura 2 – Fluxograma da pesquisa (parte 2)



Fonte: Autoria própria (2023).

Ressalta-se, que este instrumento de fluxograma auxiliou na organização das etapas a serem executadas, assim, conseguindo analisar com mais detalhes todos os dados que a pesquisa precisa. A busca por estas publicações espontâneas foi realizada a partir de *hashtags*: #maternidadeatípica #autismo #solidãomaterna. Na perspectiva de encontrar perfis em que estas genitoras fizessem publicações constantes. Além do mais, conseguiu adentrar em três comunidades de Facebook e dois grupos de WhatsApp, ambos de fácil acesso facilitador. Ademais, o Twitter, (atual X), também foi fornecedor dessas informações, visto que é uma plataforma abrangente e que muitas dessas mulheres fazem seus relatos em forma de ‘tweetar’, assim, foi através das *hashtags* supracitadas que se conseguiu encontrar alguns perfis de mães solo atípicas desabafando sobre seu cotidiano e suas dificuldades. Como ilustra na figura abaixo:

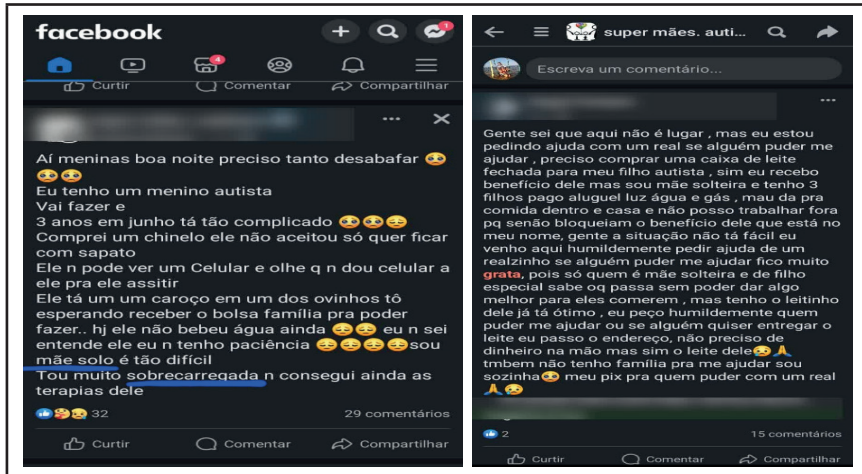
Figura 3 – A solidão solo materna



Fonte: retirado do Twitter (2022).

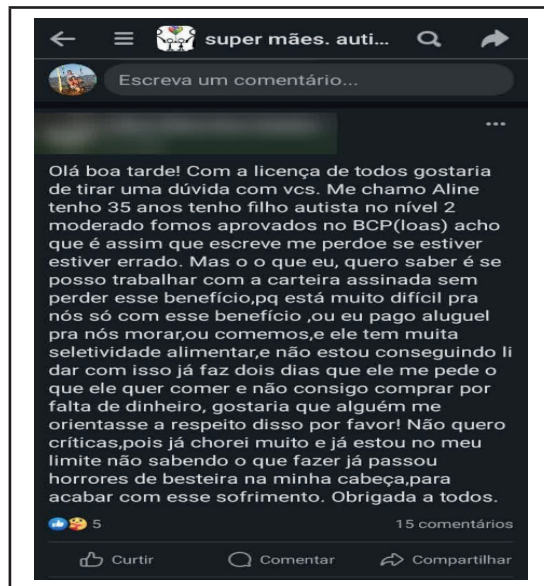
Vinculado aos obstáculos vivenciados por mães solo com filhos autistas, observou-se que, atualmente, essas genitoras acabam por desabafar de seu cotidiano nas redes sociais, foi com base nessa visão, que surgiu o interesse para averiguar mais a fundo esses relatos trazidos por essas mães. Nesse caso, o campo pesquisado foi o grupo de Facebook/WhatsApp da comunidade de “mamães”, o qual contém histórias de vida narradas pelas próprias protagonistas, as mulheres-mães. A figura 4 representa alguns relatos em primeira pessoa relatados por essas mães solo, onde as mesmas se identificam como *mãe solo* com sobrecargas emocionais e financeiras. Por conseguinte, na figura 5 é possível identificar as angústias trazidas por estas genitoras ao que se refere o BPC.

Figura 4 – Sobrecarga emocional e financeira



Fonte: retirado do Facebook (2023).

Figura 5 – A precarização financeira



Fonte: retirado do Facebook (2023).

Portanto, uma das preocupações com pesquisas netnográficas diz respeito à ética. Dessa forma, Montardo e Passerino (2006) afirmam que se deve observar a privacidade, confidencialidade, apropriação de outras histórias e consentimento informado. Desse modo, por se tratar de grupos no WhatsApp, buscou-se garantir a proteção dos números de telefone destas mães, visto que são contatos aleatórios, de vários lugares do Brasil. Logo, utilizou-se o aplicativo Adobe (Adobe Systems Incorporated) para enquadramento das imagens e censura dos números telefônicos das publicações analisadas, exemplo da figura 6, os relatos ocorrem na plataforma de WhatsApp e os números telefônicos são preservados:

Figura 6 – Ausência da rede de apoio



Fonte: retirado do WhatsApp (2022).

Corrêa e Rozados (2017) reiteram que os objetos de estudo netnográficos podem ser tanto os aplicativos, as ferramentas ou as plataformas usadas para o estabelecimento de interações sociais no ambiente virtual como as comunidades virtuais propriamente ditas. Sendo assim, foi possível ter as redes sociais como campo de pesquisa, especificamente Facebook, WhatsApp e Twitter. O método de organização utilizada, de acordo com a teoria de Bardin (2011), buscou-se ilustrar uma tabela com nomes das comunidades sociais analisadas e suas respectivas quantidades de seguidores.

TABELA 01 – Comunidades Sociais

COMUNIDADE	REDE SOCIAL	PARTICIPANTES
Mamães	WhatsApp	37 mães
Super mamães, autismo	Facebook	14,5 mil
Mães de autistas	Facebook	79 mil
De repente mãe de autista	Facebook	10,5 mil
#Maternidadeatípica #autismo	Twitter	20 mães
#Solidadomaterna	Twitter	10 mães

Fonte: autoria própria (2023).

Assim, os dados foram analisados e criadas categorizações com base em assuntos mais citados por estas mães, logo, foram criados tópicos que serão percorridos no próximo capítulo. Sendo estes: a) Mãe solo: saúde mental e emocional; b) Precarização financeira: A utopia do Benefício de Prestação Continuada - BPC; c) O desabafo em ambientes digitais.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Autismo infantil e o processo de diagnóstico

Neste tópico, expõe-se sobre o contexto de surgimento do termo “autismo” e as especificidades correlacionadas ao processo infantil. Será abordado sobre o diagnóstico nesse intermédio do início em que as famílias começam a perceber os primeiros sinais de que a criança tem TEA.

Originalmente, o termo “autismo” vem do grego *autós*, que significa “de si mesmo”. Inicialmente, a palavra foi empregada para descrever a fuga da realidade e o retraimento para o mundo interior dos pacientes adultos acometidos de esquizofrenia (Ferrari, 2012). Nesta direção, Ferrari (2012) argumenta que no século XIX, o autismo era considerado uma patologia mental da criança, desencadeado por um desenvolvimento deficiente da inteligência.

O Autismo Infantil foi definido por Kanner por volta do ano de 1943, que veio a descrever sob o nome “distúrbios autísticos do contacto afetivo” onde pôde ser caracterizado um autismo extremo, obsessividade, estereotípias e ecolalia (Assumpção; Pimentel, 2000). Tornando-a um conjunto de sinais, que para o autor, é visto como uma doença específica relacionada a fenômenos da linha esquizofrênica. Em contrapartida, Ritvo (1976) compreende o autismo sendo um déficit cognitivo, não sendo considerado uma psicose e sim um distúrbio do desenvolvimento.

O autismo é, portanto, um transtorno de natureza biológica que traz grandes necessidades sociais de natureza familiar, educacional e sanitária. A nomenclatura usada, “espectro”, está se referindo a diversas nuances de alguém com autismo está sujeito, de modo que, sua topografia é diferente em cada indivíduo, do mais leve ao mais severo. (Souza; Franco, 2019)

O processo de diagnóstico do autismo é algo extremamente delicado, ainda mais por parte dos pais, é importante salientar que a forma que será repassado a comunicação do diagnóstico implicará também nos demais processos. Por ser um processo delicado, há uma oportunidade única aos profissionais em estabelecerem uma aliança de confiança com eles, e para que possam elaborar o diagnóstico de forma mais coerente possível e menos estressante (Bosa; Semensato, 2013 *apud* Onzi; Gomes, 2015).

Dessa forma, a compreensão dos pais das necessidades de seus filhos e principalmente a aceitação de suas diferenças, faz com que a busca por auxílio seja precoce, e quanto mais cedo a criança for tratada e diagnosticada, maiores serão as chances de seu desenvolvimento acontecer da melhor forma possível. No entanto, vislumbra-se ainda essa resistência por parte da família, e na prática, há uma demora para buscar ajuda.

Portanto, é possível identificar que essa exclusão já ocorre na primeira infância, quando não há um diagnóstico precoce, e se alastra na infância/adolescência, visto que há uma precarização em atendimentos psicológicos, da saúde, até mesmo acompanhamento escolar especializado, que acaba algumas vezes persistindo na vida adulta.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este capítulo aborda a interpretação e análise de dados obtidos por prints arquivados, os resultados são comentados em torno da análise de conteúdo e interpretação pessoal da pesquisadora. Foram analisadas as postagens das mães solo presente no grupo entre os anos de 2022 a 2023.¹, que mostram os relatos de angústias feito por estas mulheres. Analisando os relatos obtidos através de demanda espontânea, pôde-se perceber que muitos relatos dessas mães solo vinham com frases de sofrimento diários, e o quanto a demanda de cuidados com o filho autista carecia de uma atenção redobrada.

Conforme apresentado por Pascalicchio, Alcântara e Pegoraro (2021), na maior parte das vezes é a mãe quem identifica que há algum problema acontecendo, busca o tratamento, administra esse tratamento e acaba por manejar as vivências diárias de seu filho, com isso, são as mães que relatam suas maiores dificuldades no dia a dia em relação a esses cuidados. Isso pode ser observado na mãe 01:

Eu enfrento a barra sozinha, moro longe da minha família e me separei do pai da minha filha. Ser mãe solo atípica é difícil, o 'grosso' fica com a gente. (MÃE 01, 2022)

Para Pascalicchio, Alcântara e Pegoraro (2021), a maternidade chega para a mulher não apenas com uma versão positiva e romantizada, mas com ela também surge uma enorme angústia por um mundo desconhecido que ela precisará descobrir com suas vivências. A mãe 02 mostra que a maternidade solo atípica é:

A maternidade solo atípica é a gente sempre lutando pelo mínimo em todos os lugares. E derrapando... parece que nosso grito ecoa só pra gente mesmo. (MÃE 02, 2023)

Esses sentimentos e essa vivência se intensificam e fazem com que a mãe se doa inteiramente a essa criança, ilustrando que, muitas das vezes, essa 'doação' de si faça com que estas genitoras intercalam em enunciar uma vida para desenvolvimento de seus filhos, ajudando-os, mesmo havendo mudanças em suas vidas (Pascalicchio, Alcântara e Pegoraro, 2021). Como ilustra a mãe 03:

Romantizações à parte, ser mãe solo atípica é difícil. Sinto falta de um suporte aqui em casa, porque muitas vezes não dou conta. Mas ser mãe é isso né? Bem longe de ser perfeita, mas suficientemente boa. (MÃE 03, 2022)

Pode-se refletir nesse ponto que a maternidade solo atípica vai muito além da funcionalidade gerida vinculado aos cuidados perante a criança com TEA, os relatos ilustram essa visão *"não tão perfeita"* desses afazeres cotidianos que estas mães estão inseridas, retrata um outro lado que é a saúde mental e emocional que estes cuidados redobrados exigem de uma 'mulher-mãe'.

O fato de que algumas mães solo possam ter uma rede de apoio familiar, não faz com que iniba a exaustão mental e emocional que estas genitoras relatam. Com isso, ocorre o processo de culpabilização, pois, como dito no parágrafo anterior, a sociedade estimula que a mulher-mãe tem que ser 'forte' e 'dar conta' seguindo um exemplo de 'mulher determinada'. No processo da maternidade atípica, o discurso não soa diferente, assim, reforça o sentimento de culpa quando aquela mãe não consegue ser esse "exemplo de perfeição". É possível identificar esse sentimento de culpa na fala da mãe 04:

Tem dias que parece que as forças acabam... Ser mãe já é difícil, imagina mãe solo atípica. A gente passa o tempo todo sendo a MELHOR, as vezes consigo, as vezes não... E o sentimento de culpa corrói. (MÃE 04, 2022)

Assim, é de suma importância fazer articulações entre esse conhecer do autismo e a maternidade no processo da saúde mental e emocional, que auxilia no processo de entendimento da forma de "viver nas margens", e que se distância desses discursos da maternidade idealizada (Lopes, 2017).

Ao adentrarmos no assunto que envolve essa precarização financeira, é importante entender-se como funciona o processo para se obter o BPC que, atualmente, é o benefício que as genitoras com filhos autistas veem como uma "salvação financeira", que na teoria o acesso pelo benefício é "fácil", mas na prática vislumbra ser um processo demorado e desgastante para estas mães.

Conforme Gomes (2001 *apud* Silva, 2010) o BPC é seletivo e focalizado no que tange aqueles que estão em situação de vulnerabilidade social, seguindo uma série de exigências que envolve primordialmente a renda familiar. Logo, a renda *per capita* que o programa exige é de um quarto do salário mínimo, de modo que o BPC acaba por se distinguir das características universalizantes que a assistência social defende.

Citar as questões que permeiam o BPC é de suma importância, pois foi possível identificar nos relatos espontâneos, maior parte deles, em que as mães sempre se mostravam angustiadas por conta do processo do BPC, inclusive, muitas usavam suas redes sociais para sanar dúvidas com outras mães que já haviam passado pelo processo de ganhos ou perdas. Como ilustra na mãe 05:

O BPC da minha filha 'tá' em análise, e depois de 2 meses parado 'numa' outra fila. Alguém sabe o significado e se demora muito depois dessa fila? (MÃE 05, 2023)

Para ter acesso ao benefício a mãe precisa 'provar' uma série de questionamentos que o INSS faz para saber se de fato aquela família está apta a receber tal dinheiro. Contudo, percebe-se que para se enquadrar nas demandas do programa a família tem que está na margem de 'necessidade' muito escassa. Para Pereira (1998), esse processo rigoroso está na margem da "armadilha da pobreza", o autor cita que:

O rigoroso critério de elegibilidade associado à inexistência de articulação com outros programas e serviços, acaba por privilegiar o seu caráter emergencial, constituindo-se numa "armadilha da pobreza" e, perversamente, reforço das desigualdades sociais. (PEREIRA, 1998, p. 67)

Silva (2010) debate que "a exigência da pobreza como critério de acesso ao BPC transforma o benefício em uma garantia de renda destinada à família e não somente à pessoa com deficiência". Logo, pôde-se identificar esse repertório na fala de algumas mães, pois, ao relatar sobre suas dificuldades, as mesmas diziam que o benefício era sua única fonte de renda, contudo, vislumbrava-se também o fato de não conseguirem trabalhar com carteira assinada por receio de perder o que "já está garantido", encontrado na fala da mãe 06:

Para o governo eu não posso ter uma casa no meu nome e não posso trabalhar, porque se eu tiver outra renda o BPC é cortado, eu já não aguento mais viver só do benefício do meu filho, será que eles não sabem que só o benefício não dá pra pagar tudo. (MÃE 06, 2022)

Essa preocupação é acompanhada de um 'pedido de ajuda', pois, muitas se veem no papel de ter que pedir ajuda financeira, no auge de sua precarização. Desse modo, os critérios de seleção para se obter o BPC nem sempre obedecem ao princípio da equidade, assim, não havendo consideração nas particularidades dos usuários (Ramos, 2006).

Foi analisada as percepções de solidão que estas genitoras solos desabafam cotidianamente, com isso, identificou-se que ‘ao falar’ sobre seus sentimentos e sensações nos ambientes digitais é uma forma de ‘colocar tudo pra fora’.

Esse vasto campo social às dá abertura para expressar seus sentimentos e angústia vivenciadas enquanto mãe solo atípica, a categoria ‘solidão’ partiu dos diversos relatos onde estas mães relatavam o quanto se sentiam sozinhas, sem apoio, angustiadas e sobrecarregadas. É possível identificar esse repertório na fala da mãe 07:

A solidão da mãe solo e da mãe de criança autista é real. E quando é o combo então... Tenho a impressão que nunca me senti tão cansada, tão sozinha, desanimada, abandonada como nessa internação de Theo. (MÃE 07, 2022)

Nos relatos analisados, as mães narram sobre seu cotidiano em ser ‘mãe de autista’ e como é lidar com a criação destes filhos autistas. Para Freitas (2020), esse processo de troca de experiência, a partir do momento que começa a ser transmitido nas redes digitais, possibilita que as mães solo se identifique com cada vivência exposta. As ‘curtidas’, ‘compartilhamentos’ e ‘comentários’ ressalta esse processo de identificação com o cotidiano das genitoras, por mais singular que seja a realidade de cada uma, isso não impossibilitou das mães solo se ‘enxergar’ no viver de outras mães.

Os relatos trazidos por mães com filhos autistas, é uma forma de buscar apoio, até mesmo consolo, de outras mães que também passam pela mesma experiência. Quando se é escasso uma rede de apoio presencial, estas mulheres buscam por redes de apoio virtuais. Tanto o relato da mãe 08 e da mãe 09, ilustra essa vivencialidade opostas, mas com singularidades igualadas no que tange essa ausência das redes de apoio:

7 anos sobrecarregada pela maternidade, pela solidão, pela indiferença, pelo sumiço rotineiro. 7 anos aguentando, chorando, vivendo, sorrindo. Ser mãe é foda, mas ser mãe solo de uma criança atípica é de extrema paciência que eu não sei de onde tenho (MÃE 08, 2022).

Ademais, o relato da mãe 09 traz esse mesmo contexto de solidão materna, de escassez em apoio presencial. Quando se fala em ser ‘mãe solo’ é uma frase carregada de responsabilidades redobradas, e também, o cansaço que essa responsabilidade solo acarreta, a mãe 09 diz:

Agora além de ser mãe atípica, sou mãe solo. Acho muito simples abrir mão das responsabilidades da família e só ser a pessoa que “visita”. Ter filho com autismo precisa doação, e nem todos estão dispostos (MÃE 09, 2022).

Essa solidão relatada por estas mães solo vai além da sobrecarga na criação do filho com autismo, é uma experiência muitas das vezes “velada” no discurso de que ser mãe atípica é lutar, ser forte o tempo todo, e seguindo os parâmetros do “mundo azul”. Quando se depara com os relatos destas mulheres, a solidão é não ter forças de ser essa mãe “perfeita”, essa mulher “guerreira”, e muitas das vezes não ser ver nesse “mundo azul”.

De modo que a liberdade para expressar sentimentos e angústias dentro desses espaços digitais flua naturalmente, é uma forma de contar o dia a dia dessas mães solo ou sanar dúvidas em como lidar com tal comportamento do seu filho autista. Estar inserida nesses grupos sociais vislumbra ser uma forma destas genitoras se sentirem pertencente a algo de suas vivências.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao findar este estudo, que foi contemplado com o propósito de investigar os obstáculos enfrentados por mães solo com filho autistas e analisando a partir da aplicação da técnica análise de conteúdo de Bardin, em uma pesquisa netnográfica de dados arquivados. Foi possível vislumbrar o quão amplo são os obstáculos que estas genitoras solo vivenciam, contudo, identificou-se maior repertório quando o assunto é o abalo emocional, a precariedade financeira e a solidão enquanto mulher-mãe.

O recorte financeiro é algo que estas mães solo debatem bastante, pois, vislumbra que muitas utilizam do BPC como renda essencial dentro de seus lares, uma vez que por não terem com quem deixar seus filhos, acabam por não ter acesso à vida profissional.

Muitas se veem “perdidas” em ter que decidir entre o “seguro ou o duvidoso”, assim, foi possível enxergar o quanto essas situações geram um sofrimento de angústia e solidão por não terem amparo, por estarem sozinhas.

Destarte, a sobrecarga emocional, a ausência de apoio e a precarização financeira proporcionam o sentimento de solidão, onde a busca de acalento ou uma forma de expor suas angústias, seja os grupos de apoio virtuais. Percebe-se o quanto estas mães tentam se conectar com a troca de suas vivências, assim gerando um apoio e incentivo entre elas mesmas.

Assim, permite-nos a reflexão de que a forma romantizada que muito se ver sobre a “maternidade atípica” vai além daquela mãe que tem condições de se “doar por completo” aos cuidados de seus filhos, conseguimos vislumbrar um outro repertório de viver, sendo este a presença da precarização financeira e a solidão materna.

A psicologia juntamente com as políticas públicas pode auxiliar no fomento de dispositivos que ajudem essas mães solo com filho autista. Um dos recursos a fornecer seria aconselhamento e terapia para ajudar as mães a lidar com o estresse e a ansiedade que estão associados aos cuidados com seus filhos autistas, de modo que esse serviço pode ser oferecido por projetos de extensão das Faculdades de Psicologia, e também, pelo CAPSi que estas mães já frequentam recorrentemente. Esses grupos de apoio podem ajudar no suporte emocional e ajuda prática para com estas genitoras solo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tainá Mani. **Maternagem e Espectro do Autismo: Um estudo de caso com narrativas**. Brasília, 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.

BRASIL, 1993. **Lei nº 8.742, de 7 de dezembro**.

BETTELHEIM, B. (1987). **A fortaleza vazia**. São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1967).

BORGES, Lize. Mãe solteira não. Mãe solo! Considerações sobre maternidade, conjugalidade e sobrecarga feminina. **Revista Direito e Sexualidade**, n. 1, maio 2020.

BORSA, Juliane Callegaro; FEIL, Cristiane Friedrich. **O PAPEL DA MULHER NO CONTEXTO FAMILIAR: UMA BREVE REFLEXÃO**. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Cristiane_Feil/publication/303208368_O_PAPEL_DA_MULHER_NO_CONTEXTO_FAMILIAR_UMA_BREVE_REFLEXAO/links/5738f27308ae9f741b2bde8f/O-PAPEL-DA-MULHER-NO-CONTEXTO-FAMILIAR-UMA-BREVE-REFLEXAO.pdf, 2008. Acesso em: 30/04/2023

CALZAVARA, M. G. P; FERREIRA, M. A. V. **A função materna e seu lugar na constituição subjetiva da criança**. *Estilos da Clínica*, V. 24, nº 3, p. 432-444, 2019.

CORRÊA, M. V; ROZADOS, H. B. F. A netnografia como método de pesquisa em Ciência da Informação. **Revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 22, n.49, p. 1-18, maio/ago., 2017.

DALAMA, L. G. **REDES DE APOIO ONLINE: como as mídias e redes sociais têm contribuído para reduzir a carga mental de mães durante a pandemia**. São Paulo, 2022.

FREITAS, Barbara Morais Santiago. **“Toda mãe de autista sabe do que estou falando”: narrativas compartilhadas por mães de autistas em uma plataforma digital de vídeos**. Rio de Janeiro, 2020.

KOZINETTS, Robert. V.. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014. 203p.

LOPES, Bruna Alves. **Não Existe Mãe-Geladeira Uma análise feminista da construção do ativismo de mães de autistas no Brasil (1940-2019)**. Ponta Grossa, 2019.

MACHADO et. al. **Família monoparental feminina com mães de filhos com deficiência**. LexCult, Rio de Janeiro, ISSN 2594-8261, v.5, n.2, maio/ago. 2021, p. 31-56

MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS [recurso eletrônico]: DSM-5 / [American Psychiatric Association; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento... et al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014.

ONZI, Franciele Zanella; GOMES, Roberta de Figueiredo. **Transtorno do Espectro Autista: a importância do diagnóstico e reabilitação**. Caderno pedagógico, Lajeado, v. 12, n. 3, p. 188-199, 2015. ISSN 1983-0882

PEREIRA, Ana A. **Visão sistêmica do Serviço Social em sua prática no INPS**. Brasília, 1978.

RAMOS, D. R. **O processo de revisão do benefício de prestação continuada – BPC: uma lógica de exclusão ou inclusão na avaliação social?** Natal, 2006.

RITVO ER, Ornitz EM. **Autism: diagnosis, current research and management**. New York: Spectrum; 1976.

SANTOS, G. R. S.; MATTOS, R. M. D. **O Processo Diagnóstico Vivenciado por Mães de Crianças Diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. In: SOUZA, J. C. P.; CAVALCANTE, D. R. C.; FIGUEIREDO, S. C. G. (Org.). A Saúde Mental em Discussão. Belo Horizonte: Poisson, 2022.

SILVA, E. B. A; RIBEIRO, M. F. M. **Aprendendo a ser mãe de uma criança autista**. Estudos Vida e Saúde, 39 (4), 579-589, 2012.

SILVA, F. A. **Representações sociais da maternidade segundo mães de crianças com deficiência** / Fernando Antônio da Silva. – Recife: O autor, 2012.

SILVA, A. T. **Os desafios da avaliação social para acesso ao BPC**. Brasília, 2010.

SOUZA, M. F.; FRANCO, R. K. G. **Diferentes Tons de Azul do Transtorno do Espectro Autista**. In: SILVA FILHO, A. V.; BARBOZA, E. H. L.; GABARRA, L. O. (Org.). Ensaio interdisciplinares em humanidades II. Fortaleza: EdUECE, 2019.